



# A Palavra do Presidente

"Que violento é romper os laços formados pelo coração e pelo espírito!"  
Montesquieu

"Se quereis ter sãos a cabeça e o corpo, deveis começar pelo cuidado da alma, é a primeira coisa a fazer; não vos deixei persuadir a curar a cabeça antes que vos apresentem, para o mesmo fim, a alma."

Sócrates

Penso, nesse momento, em Newton Bethlem... E tento buscar nos eruditos uma explicação - como se isso fosse possível - para tentar definir o sentimento que me invade. O Aurélio define *morrer* como *perder* a vida, *perda* como a privação da presença de alguém ou a falta desse alguém, e *ausência* como não presente, afastado, distante. Por outro lado, Houaiss define *permanecer* como continuar, continuar a ser, e *continuar* como prosseguir o que se começou. Recordo-me, nessa reflexão, da minha avó mineira, nascida e criada nos recônditos das Minas Gerais, sem nenhuma erudição, mas que com muita sapiência explicava ao neto menino que as pessoas não morriam - transformavam-se em pássaros. Em pássaros com uma plumagem de um colorido tão lindo e com mavioso canto, tão mais belos e mais canoros quanto mais belas fossem suas vidas. E voavam o que a vida não os permitiu andar, por todos os cantos e recantos do mundo para que, prosseguindo o que começaram, espalhassem por todos os lados a riqueza desse viver.

Assim foi com Newton Bethlem.

Filho de um professor, o general Agrícola da Câmara Lobo Bethlem e de Maria Zilda Manhães Bethlem, nasceu Newton Bethlem, no Rio de Janeiro, no dia 20 de agosto de 1916. Desde criança já



mostrava, segundo parentes, amigos e colegas, a vocação para ser médico. Fez a opção dos abnegados escolhendo a profissão médica e, desde então, viveu inteiramente para o próximo. Fez seu curso de formação na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com seriedade e brilhantismo, no período de 1932 a 1937. Professores brilhantes e ilustres tiveram, segundo suas próprias palavras, uma influência marcante na sua formação. Heitor Annes Dias, eminente professor gaúcho, era considerado por ele, um gênio da medicina e o responsável pelo seu preparo na Clínica Médica, fato que, profundamente, o marcou por toda a sua vida médica. O professor Antonio Ibiapina, mestre e amigo, o levou à paixão pela Tisiologia. Por mais

de 20 anos trabalharam juntos e puderam acompanhar, vividamente, a transformação da especialidade - naquela época dominada pela tuberculose - no vasto campo de Pneumologia atual. Não que a tuberculose tenha perdido sua importância, ao contrário, ressurgiu hoje, nesses tempos de AIDS, como nos tempos de *A Dama das Camélias*, de *A Montanha Mágica* e de *La Traviata*, apesar da eficácia dos esquemas terapêuticos existentes. Com toda essa experiência, contribuiu e influenciou a formação e o desenvolvi-

mento da Pneumologia em nosso país. Nessa Pneumologia, na qual o especialista moderno tenha que, usando a linguagem dos internautas, navegar nos largos horizontes da patologia pulmonar, da radiologia torácica, da bacteriologia, da genética, da fisiopatologia, da cirurgia, da epidemiologia, da profilaxia e da endoscopia respiratória. Newton Bethlem recordava Frederic Muller que dizia "o paciente não é um par de pulmões sobre um par de pernas".

Desse modo, ele achava que o pneumologista, como todo outro especialista, deveria ter sua formação fortemente embasada na Clínica Médica.

Católico fervoroso dizia ter o médico, assim como o cristão, três inimigos capitais: a ignorância que é o pecado, a apatia que é o mundo e o vício que é o demônio.

E como o cristão, só nos livraríamos deles pela luta constante e pelo aprimoramento sem tréguas. Achava que somente com essa luta estaria concretizada a missão social do médico, lastreada na cultura humanística, na compreensão de seu papel dentro da sociedade, e integrados nos principais da moral cristã.

Teve uma vida profissional inigualável, na qual galgou todos os degraus possíveis. Desde o internato na Faculdade de Medicina; na Polícia Civil do Rio de Janeiro; na Assistência Municipal do Rio de Janeiro; e no Hospital Pró-Matre; até alcançar o lugar maior - Acadêmico da Academia Nacional de Medicina - que o lançou no rol dos imortais da medicina brasileira. Durante sua profícua vida acadêmica foi Professor Livre Docente das Faculdades de Medicina da UFRJ, da UNI-Rio e da Universidade Federal Fluminense, Diretor do Instituto de Tisiologia e Pneumologia da UFRJ, Professor Titular de Pneumologia das Faculdades de Medicina da UFRJ e UNI-Rio, Professor Emérito da UFRJ, laureado várias vezes por diversas Sociedades médicas no Brasil e no exterior, homenageado por inúmeras turmas de formandos e paraninfo de outras tantas, representante do Brasil em vários eventos e em Sociedades internacionais e autor de vários trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais de renome e de livros, o mais importante deles - "Pneumologia" - o primeiro tratado brasileiro da especialidade, cuja nova edição veio a público há dois anos.

Sem nenhuma dúvida, contribuíram para todo esse sucesso sua esposa, a engenheira civil Dra. Pamplona Bethlem, companheira durante 58 anos, e seus cinco filhos: Antonio Carlos, advogado; Patrícia, economista; Guilherme, engenheiro; Eduardo, médico, pelo qual nutro especial amizade e Maria Teresa, bibliotecária.

Lamentavelmente não fui seu aluno durante meu curso de graduação. Entretanto, tive a oportunidade de com ele conviver em várias ocasiões nesses últimos anos, quando pude conhecer o médico e o homem. Pude conhecê-lo mais livremente, sem aquele relacionamento mítico que às vezes envolve o jovem aluno e o professor brilhante e que freqüentemente afasta-os ao invés de aproximá-los. E sentia nele, além da aura que envolve os sábios, o respeito, o carinho, o estímulo e a admiração pelos mais jovens. Não tendo sido meu professor na Faculdade, o foi, sem dúvida, na formação pessoal.

Nos últimos tempos, infelizmente, seu corpo frágil já não acompanhava a mente brilhante. Dizia-me ele, certa ocasião, que estava vivendo, incansavelmente, uma renhida luta com as Parcas. As Parcas eram deusas latinas da Mitologia cuja missão era fiar a meada do destino dos mortais. Elas determinavam o destino todas as criaturas humanas, fixando desde o nascimento até a duração e o curso de suas vidas. Eram três: Clotó que presidia o nascimento e segurava a roca, Láquesis que fiava e enrolava o fio; fixava a duração e o curso da vida, e Átropos que cortava o fio quando chegava a hora pré-estabelecida da morte; e dava a temporalidade da vida. Dizia Newton Bethlem que sua negociação com Átropos seria sem tréguas. E o foi. Morreu em atividade, após um dia de trabalho, ao sair do consultório para sua casa, no banco de trás do seu carro. Pendeu a cabeça por sobre o peito, e se foi a vida... Átropos finalmente alcançou seu intento. Morreu como um passarinho diriam uns. Não - diria minha avó - transformou-se em pássaro!

*Finit coronat opus*

**Mauro Zamboni**  
Presidente da SOPTERJ